

MELO; Maria Clara Passos¹, TOSTO; Lillian Greice de Castro², SLONGO; Isabela Silva³, DIAS; Rafaela Varjão⁴, SOUZA; Thalia Castro⁵, TORRES; Laíse Mota⁶

RESUMO

Introdução: A Sífilis Congênita, no contexto da saúde da mulher, particularmente no âmbito da assistência pré-natal, ainda representa um verdadeiro desafio. Ela não apenas afeta a gestante, mas também tem implicações no bem-estar do conceito, além de gerar custos significativos, tanto diretos quanto indiretos, no sistema de saúde pública. Diante desse cenário, tornou-se necessário realizar a coleta e análise dos dados disponíveis no Sistema de Agravos de Notificação (SINAN). **Objetivo:** O objetivo do presente estudo é identificar e analisar o perfil epidemiológico da Sífilis Congênita no território brasileiro, no período de 2015 a 2017. **Métodos:** O presente artigo trata-se de um estudo epidemiológico retrospectivo, de caráter descritivo, sobre casos de sífilis congênita no Brasil e nas regiões, com dados obtidos do SINAN entre 2015 e 2017. As variáveis de interesse foram: faixa etária do recém-nascido, sexo, raça/cor, região, escolaridade e faixa etária materna, realização do pré-natal, sífilis materna, tratamento do parceiro, classificação final e evolução dos casos. A análise dos dados obtidos foi realizada com o auxílio do programa Microsoft Excel e tabulados em tabelas. Os dados estão apresentados em número absoluto e proporção das variáveis consideradas de interesse. **Resultados:** Verificou-se que no período de 2015 a 2017 foram registrados 65.873 casos de sífilis congênita. Durante o período avaliado houve um crescimento nos números de casos. Ademais, observou-se que a maior taxa de prevalência foi na região sudeste (43%). Houve um ligeiro predomínio no sexo feminino e, para a variável faixa etária do RN, a maioria foi representada pela população com idade de até 6 dias (95%). A maior parte das genitoras acometidas tem entre 20 a 24 anos (32,9%). Em todos os anos, houve predomínio da raça parda (50,1%) e, a maioria das notificações quanto a escolaridade materna foi ignorada ou respondida em branco, seguido pelas que possuíam ensino fundamental incompleto (24%). A maioria das genitoras realizou pré-natal e foi diagnosticada com sífilis durante a realização deste. Na variável tratamento do parceiro, houve uma predominância nos casos de não tratamento (62%). De acordo com a classificação final, a predominância dos casos foi de sífilis congênita recente (93%). E, por fim, no que tange à evolução da doença, observou-se que a maioria foi de recém-nascidos vivos (86,8%). **Conclusão:** Os resultados deste estudo destacam uma elevada taxa de ocorrência de sífilis congênita no país. No entanto, é crucial ressaltar as limitações dos dados apresentados, devido à subnotificação significativa. Portanto, é fundamental estruturar e implementar ações para controlar essa doença, voltadas para a saúde da mulher, do parceiro e do conceito. Também é essencial que sejam priorizadas iniciativas voltadas para uma abordagem epidemiológica eficaz, para melhorar a notificação da doença.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis congênita, saúde da mulher, epidemiologia

¹ UNIFTC, clarapmelo@gmail.com

² UNIFTC, Liucastro@hotmail.com

³ UNIFTC, belinhaslongo_2006@hotmail.com

⁴ UNIFTC, rafaelavarjao2000@hotmail.com

⁵ UNIFTC, thalia-castro16@hotmail.com

⁶ UNIFTC, dralaisetorres@gmail.com